O CASO ARESI

Randerson Figueiredo

“Pode-se enganar a todos por algum tempo; podem-se enganar alguns por todo o tempo; mas não se pode enganar a todos todo o tempo”.

Abraham Lincoln

Dedico este livro a minha família, a família Figueiredo:

Aurélia, Cecília, Giselda, Luiz Neto, Sofia e a minha querida mãe Zuleide.

Em especial aos meus avós Francisca Lima Figueiredo e Luiz Gonzaga Figueiredo, por terem me ensinado com maestria a lidar com os prazeres e dificuldades da vida.

A todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

O romance de um dramaturgo

Prefácio por Isaac Rodrigues Cunha

Quando, numa dessas visitas intelectualmente profícuas que me costuma fazer, nas quais aprendo de tudo, o escritor Randerson Figueiredo me afirmara que escreveria um romance policial, confesso que me preocupei um tanto... Em primeiro, por saber que o prazeroso encargo de revisar sua mais nova obra recairia mais uma vez sobre mim – sorte a minha. Segundamente, porque o estilo – policial – era-me inédito como revisor, sendo-o também para ele, enquanto autor.

Ocorreu, no entanto, que este amigo de longa data surpreendera mais uma vez com sua prosa sávida, prazerosa, gostosa de ler. Em vez de um texto maçante, entediante, Randerson Figueiredo dá-nos, pelo contrário, um banquete de entretenimento literário, uma leitura que certamente seus leitores provarão e aprovarão.

Em *O Caso Aresi*, o romancista, filósofo, historiador e pesquisador Randerson Figueiredo dá amostras de sua expertise literária no trabalho com diálogos, das conversações entre as personagens. Tal expediente é o que torna o texto absurdamente dinâmico e vivo, como se os debates saltassem das páginas e se passassem bem aqui, em frente de mim. Percebi, nas páginas de *O Caso Aresi*, um pouco-muito do dramaturgo Randerson Figueiredo...

Certo estou de que esta obra será um sucesso de leitores, notadamente de leitores que buscam

num livro um prazer de letras, palavras, frases e textos, e não uma incógnita literária, a qual quanto mais lida tanto mais distante fica do leitor. *O Caso Aresi*, ao contrário, enlaça-nos na trama, prende-nos com sua leveza e dinamicidade – coisas tão raras nos romances de hoje. Talvez seja este o aspecto primordial da obra de Randerson Figueiredo, de um intelecto incomumente inteligível.

São meus votos de uma prazerosa leitura, e que venham novos trabalhos deste poeta dramaturgo, deste teatrólogo romancista.

Isaac Rodrigues Cunha.
10 de novembro de 2014.

Índice

1. A família Aresi	8
2. Todos são suspeitos	33
3. Uma longa amizade	53
4. A caçada começa	64
5. O tabuleiro de xadrez	82
6. O mistério do baú italiano	98
7. O último suspiro	115

1

A FAMÍLIA

ARESI

Napoli, sul da Itália, é assim que a história da família Aresi começa. Uma família de origem um tanto abastada, mas não rica o suficiente para começar o negócio que Francesca e Giancarlo, os patriarcas da família, tanto sonham em sua cidade natal, uma franquia de sorvetes finos, uma gelateria.

A concorrência na Itália era altíssima para este tipo de negócio, então a solução seria mudar de país. O casal Aresi eram pais de Maccelo e Giovanna, dois jovens que queriam desfrutar ao máximo sua juventude.

Maccelo era o queridinho de Francesca, já Giovanna, de Giancarlo. Maccelo era um excelente aluno, já a irmã era deficiente em algumas disciplinas escolares, o que motivava certa rixa entre os dois.

A família Aresi era extremamente católica e tinha como padrinho um padre brasileiro, mas de ascendência italiana, que era muito amigo da

família, chamado Luigi Alberto Matiulli, o qual ensinou português a todos. Por esse motivo, em uma de suas conversas, o casal decidiu vir morar no Brasil, um país acolhedor, tropical e com garantias de que um excelente futuro iria começar a partir dali.

A família então decidiu vir o quanto antes. Inclusive Matiulli também veio como convidado, afinal fora ele quem incentivara a todos a virem se hospedar no Brasil, e também para que ele acertasse os detalhes da estada e da matrícula dos jovens no colégio. Tudo ficou pronto o mais rápido possível, vieram morar no Ceará, mais precisamente em Fortaleza, no edifício Safira da Avenida Santos Dumont.

Macelo queria frequentar o colégio, estava ansioso por isso, já Giovanna queria conhecer as praias e as belezas do litoral. No Colégio Estrada para o Mundo, Macelo com seus olhos azuis logo chamou a atenção de Adriana Ferreira, uma das melhores alunas da turma e de rara beleza. E

começou a se destacar também como um dos melhores. Cursando então o segundo ano do ensino médio.

Enquanto isso, Francesca e Giancarlo começavam os preparativos para iniciar o negócio que tanto queriam, afinal de contas o dinheiro não iria durar muito, pois estavam hospedados em um dos locais mais caros de Fortaleza. A procura por um ponto comercial logo teve início, e começaram eles apostando alto, na Avenida Beira-Mar, um dos maiores cartões postais da cidade, repleto de turistas de todas as partes do mundo e de todos os tipos de pessoas.

Começaram com um ponto de médio porte, afinal sabiam que seus sorvetes tinham qualidade, uma vez que eram sorvetes finos, elaborados especialmente por Francesca, a qual era química industrial, e seu esposo, chef-de-cozinha. Os dois formavam uma dupla muito afinada, não só nos negócios mas também no matrimônio, de vez em quando saía umas faíscas mas algo considerado

normal tendo em vista serem casados por tanto tempo.

Fizeram sorvetes especialmente elaborados para a culinária nordestina e para o fino paladar nordestino. Era 2006, e naquele ano a Gelateria Aresi deu mais do que certo. Começaram a expandir seus negócios e tudo fluiu como uma bola de neve, positivamente falando, claro, espalhando gelaterias em alguns pontos da capital, e o que era esperança virou realidade.

Em 2008, o faturamento alcançou uma importante marca jamais registrada. A família Aresi começou a dar passos largos. Maccelo e Giovanna concluíram o ensino médio e logo ingressaram na faculdade, é bom que se diga a faculdade mais cara de Fortaleza, o InstiFor, Instituto de Educação de Fortaleza, mantiveram seu ciclo de amizades do ensino médio e fizeram muito mais amizades por lá.

Maccelo continuou a namorar Adriana, e Giovanna também encontrou um amor. Eduardo Braga era seu nome, um rapaz rico e muito, mas muito ambicioso, o qual estava de olho na fortuna de Giovanna. Conforme os dois possuíam o mesmo ciclo de amizades, Maccelo já sabia da fama de seu futuro cunhado e não simpatizava nem um pouco com ele.

Adriana frequentava o mesmo curso que seu namorado, engenharia civil, mas logo mudou para artes plásticas, sua verdadeira paixão. Ela tinha muito ciúme da relação de Maccelo com uma das professoras do curso, qual a de desenho técnico, professora Dra. Sandra Nogueira, uma mulher bonita, elegante e charmosa, além de ser muito profissional e competente.

Logo Maccelo e a professora se tornaram amigos, e foi aí que o ciúme aumentou, cada vez mais. Mas ele logo acalmou a namorada, dizendo que tinha uma surpresa para ela. Adriana

desconfiava de nada, mas ele ia pedi-la em casamento em um dia muito especial.

Ia-me esquecendo de contar um detalhe muito importante, havia na turma de Maccelo um rapaz chamado Ruan Almeida, ele era bolsista e tinha muita inveja dele por ser rico e popular com os demais colegas. Ruan era um rapaz humilde e que enfrentava dificuldades para se relacionar com as pessoas, chegando um dia a ameaçar Maccelo, bradando aos quatro cantos que um dia iria matá-lo. Maccelo ficou assustado, mas não deu muita bola para o que ele dizia, tendo em vista seu temperamento.

Havia também Renata Fonseca, uma das melhores amigas do casal, mas que tinha uma quedinha por “Ceccelo” como ela gostava de chamá-lo, apelido este ofertado também pelos seus pais e pelos mais íntimos. Adriana tinha que dividir o namorado com outras pessoas, mas ela não gostava nem um pouco disso, sentia muito, mas

muito ciúme dele. Chegava a ser um caso patológico.

Certo dia Maccelo chega a casa e diz a sua mãe:

- *Mamma! Mamma!* Tenho uma grande surpresa para a senhora!

- Diga meu filho querido.

- Vou casar!

- Mas que ótima notícia, meu filho! Vamos fazer um jantar para você pedir a mão dela, algo mais oficial, o que você acha?

- Eu prefiro fazer uma festa, uma festa aos moldes da Itália, para relembrar nossas origens, faz tanto tempo que não vamos para lá, para Napoli.

- *Ma vero!* Que ideia brilhante, só poderia vir de você mesmo, dá cá um abraço! E onde você pretende fazer essa festa?

- No Theatro José de Alencar. Vamos fechar aquele teatro e realizar uma das maiores festas que Fortaleza já viu.

- Claro que sim!

Nesse momento Giancarlo intervém:

- Vocês não acham que estão exagerando não, hein? Não precisa fazer num teatro daquela grandeza.

- Mas é claro que precisa Giancarlo, é o nosso filho, nosso filhão.

- Vocês façam o que vocês quiserem, eu não concordo.

Giancarlo tinha uma espécie de ciúme da relação de Francesca com o filho, ela percebia isso, mas não se conformava e discutia muito com o marido por essa situação.

- Você parece um adolescente, Giancarlo, com ciúmes do próprio filho?